

## A tradução da *Sintaxe* de Apolônio Díscolo por Fred Householder e as guerras linguísticas

### The translation of the *Syntax* of Apollonius Dyscolus by Fred Householder and the linguistics wars

João Victor Schroeder Kuhn<sup>1</sup>

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

#### RESUMO

Este artigo pretende observar a relação entre a tradução da *Sintaxe* de Apolônio Díscolo pelo linguista estadunidense Fred W. Householder, publicada em 1981, e as disputas travadas no período denominado de “guerras linguísticas”, que se estende aproximadamente de 1967 até 1974 (HARRIS, 2021). Para tanto, procede-se ao exame de um percurso histórico passando por dois episódios da carreira de Householder que precedem a tradução. O primeiro, ainda anterior às “guerras”, é a disputa com Chomsky e Halle em 1965 (HOUSEHOLDER, 1965; CHOMSKY & HALLE, 1965). O segundo é um livro sobre linguística geral publicado durante as “guerras” (HOUSEHOLDER, 1971). A conclusão alcançada é que o contexto das guerras linguísticas oferece uma chave de leitura rica para compreender a tradução de Householder e, portanto, para compreender melhor a obra de Apolônio Díscolo e sua recepção.

#### PALAVRAS-CHAVE:

guerras linguísticas. Fred Householder. semântica gerativa. Apolônio Díscolo.

#### ABSTRACT

This paper aims to look at the relationship between north-american linguist Fred W. Householder’s translation of the *Syntax* of Apollonius Dyscolus, published in 1981, and the disputes from the period known as the “linguistics wars”, that went approximately from 1967 to 1974 (HARRIS, 2021). In order to do that, a historical trajectory is analyzed that comprises two episodes from Householder’s career before the translation. The first one, prior to the “wars”, is his dispute with Chomsky and Halle in 1965 (HOUSEHOLDER, 1965; CHOMSKY & HALLE, 1965). The second one is a book on general linguistics published during the “wars” (HOUSEHOLDER, 1971). A conclusion is reached that the “linguistics wars” provide a rich context for understanding Householder’s translation and, therefore, for understanding Apollonius Dyscolus’ work and its reception.

#### KEYWORDS:

linguistics wars. Fred Householder. generative semantics. Apollonius Dyscolus.

Recebido em: 03/04/2025

Aceito em: 25/09/2025

<sup>1</sup> E-mail: [joaovskuhn@gmail.com](mailto:joaovskuhn@gmail.com) | ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5665-7721>

## 1. Linhas gerais das guerras linguísticas

Entre a segunda metade da década de 60 e meados da década de 70 a linguística gerativa é marcada por um período denominado de “guerras linguísticas”<sup>2</sup>. Tratou-se da oposição entre, de um lado, os adeptos da chamada semântica gerativa, sob capitania de George Lakoff (1941), Robin Lakoff (1942-2025), John Ross (1938-2025), James McCawley (1938-1999) e Paul Postal (1936), e de outro, linguistas que permaneceram mais proximamente filiados a Noam Chomsky (1928). O cerne teórico da controvérsia era a natureza da estrutura profunda e sua relação com a semântica da frase, inclusive e especialmente no que diz respeito à dinâmica do significado ao longo do processo de derivação transformacional.

O ponto de partida comum aos dois lados da contenda é o modelo teórico da obra *Aspects of the theory of syntax*, de Noam Chomsky. Em linhas gerais, o modelo trabalha com duas representações para as frases. A primeira é a chamada estrutura profunda, obtida através de regras de reescrita de dois tipos: reescrita de símbolos de categorias como cadeias de símbolos de categorias (isto é, regras de tipo  $S \rightarrow NP VP$ ), e reescrita de traços como outros traços (isto é, regras como  $[+Comum] \rightarrow [\pm Contável]$ ). A “história derivacional” das regras de reescrita do primeiro tipo dá origem às conhecidas árvores sintáticas; a das regras do segundo tipo origina matrizes de traços. Esses dois objetos – árvores e matrizes de traços – são então submetidos a processos específicos que conduzem à realização superficial. Em primeiro lugar, ainda no nível da estrutura profunda, incidem regras transformacionais<sup>3</sup> que fazem a comparação entre entradas lexicais e árvores de traços e permitem a inserção de material fônico, isto é, grosseiramente falando, a inserção das palavras propriamente ditas. Em segundo lugar, incidem sobre os marcadores já especificados pelo léxico regras transformacionais que reorganizam o material da frase, dando origem à estrutura de superfície, a segunda das duas representações aludidas acima. O componente sintático, formado pelas regras descritas, interage com dois outros componentes: o semântico, que opera sobre a estrutura profunda para produzir uma interpretação

---

<sup>2</sup> A denominação e melhor caracterização do período encontram-se na obra *The linguistics wars*, de Randy Allen Harris (1956). Na bem-humorada síntese do autor, tratou-se do período ao longo do qual “[Chomsky e seu] bando estavam trabalhando juntos por um tempinho exuberante, depois num mal-entendido, depois em amarga oposição, e ao final em silos diferentes” (HARRIS, 2021, p. 2)

<sup>3</sup> As regras de inserção lexical são transformacionais porque consideram a história de derivação das regras de reescrita de traços (CHOMSKY, 2015, p. 105-7)

---

composicional<sup>4</sup>, e o fonológico, que opera sobre a estrutura de superfície para produzir um sinal foneticamente representado<sup>5</sup>. À sintaxe cabe o papel de caracterizar a relação entre a interpretação e o material pronunciado.

O contato estreito entre a estrutura profunda e o componente semântico, aliado à subespecificação e não-formalização deste componente, abriu espaço para que se viesse a postular a identificação da estrutura profunda com a interpretação semântica. Foi esse passo teórico que originou a chamada semântica gerativa. Harris retrata nos seguintes termos o caminho percorrido:

Juntos eles empurraram a sintaxe cada vez mais fundo, até que – tanto quanto a semântica tinha substância naquele tempo – suas estruturas profundas se tornaram virtualmente indistinguíveis da representação semântica. Não seria um exagero dizer que as estruturas profundas deles eram as coisas mais próximas de representações semânticas explícitas na Cambridge do meio da década de 60. Eles levaram Chomsky ao pé da letra e desenvolveram uma gramática em que a Forma Lógica tinha lugar central. Em algum momento, no início de 1967, o programa passou por uma mutação e virou a Semântica Gerativa. A Estrutura Profunda foi a primeira perda. Quem precisa da Estrutura Profunda quando se tem a Representação Semântica e a Estrutura de Superfície (HARRIS, 2021, p. 66)<sup>6</sup>

O resultado é um modelo em que:

[...] as regras de base geram estruturas, que são a própria representação semântica, que expressam informações sintáticas e semânticas. Desse modo, as informações sobre o conteúdo dos itens lexicais que compõem as frases são geradas diretamente da base. Torna-se, assim, evidente que as transformações não alteram o significado (LOBATO, 1986, p. 268)

Mas as propostas de dissolução da estrutura profunda através de sua identificação com a representação semântica não foram acolhidas pelo próprio Chomsky. Como relata Harris (2021, p. 114-6), a partir do artigo *Remarks on nominalization*, de 1970, Chomsky passa a se posicionar abertamente contra o modelo da semântica gerativa. Entre rejeições – por exemplo, a negativa de

---

<sup>4</sup> Para além de algumas restrições seletivas e de subcategorização, que vêm embutidas na formação do componente de base, o caráter composicional do componente semântico é uma das poucas especificações semânticas explícitas de *Aspects* (CHOMSKY, 2015, p. 154, sobretudo); são, no entanto, numerosas as passagens em que consta que o componente semântico é centralmente alimentado pelas relações gramaticais expressas na base, e essas são formalmente relações de ramificação na árvore da história derivacional, o que conduz naturalmente a pensar em composicionalidade).

<sup>5</sup> CHOMSKY, 2015, p. 15

<sup>6</sup> Todas as citações diretas a textos estrangeiros são feitas em traduções minhas.

transformações que alterem categorias lexicais, que se insere em uma limitação geral ao enriquecimento do sistema transformacional – e proposições alternativas – por exemplo, a extensão do componente semântico para torná-lo capaz de ler tanto a estrutura profunda quanto a estrutura de superfície – constroi-se o chamado modelo padrão estendido com características formais incompatíveis com as daquele outro modelo<sup>7</sup>.

Tendo as diferenças formais por base ou pretexto, desenrola-se até meados da década de 70 uma série de episódios cujo relato definitivo é a obra já citada de Harris. O personagem pelo qual este artigo se interessa teve no conflito um papel no máximo subcolateral – o que, como veremos, não significa que ele não tenha sido marcado pelo conflito. O intuito desta primeira seção foi fixar um núcleo histórico em torno do qual se organiza e se explica a produção científica de Fred Householder. Passando efetivamente ao personagem de interesse, será preciso dar um passo atrás, para antes do início das “guerras”.

## 2. Um passo atrás: a controvérsia Chomsky-Halle vs. Householder

Fred Householder (1913-1994) foi um linguista norte-americano ativo entre as décadas de 1940 e 1990<sup>8</sup>. Com formação acadêmica na área de línguas clássicas, travou contato com a linguística estruturalista ao longo da década de 1930. A partir da década de cinquenta, foi um dos *scholars* que participou da fundação do departamento de linguística da Universidade de Indiana, certamente influenciado pelo conhecimento estreito que havia tomado de teorias como as de Trubetzkoy (1890-1938), Bloomfield (1887-1949) e Jakobson (1896-1982). Passa, então, a conciliar o ensino de letras clássicas com o de linguística.

Ao final década de 50, com a publicação de *Syntactic Structures* por Noam Chomsky em 1957, e até antes disso, Householder torna-se apoiador de primeira hora do gerativismo. Harris qualifica-o de “transformational early-adopter” (HARRIS, 2021, p. 67) e ele próprio dá conta de que estimulou diversos de seus orientandos a assumirem perspectivas gerativistas em suas teses na virada para a década de 1960 (HOUSEHOLDER, 1965, p. 13).

Apesar do apoio liminar de Householder à corrente gerativa, o primeiro episódio de sua vida acadêmica que interessa a este artigo o tem em oposição a Noam Chomsky e Morris Halle. Trata-se de um embate consubstanciado em uma série de artigos que inicia em abril de 1965, na

---

<sup>7</sup> Lobato (1986, p. 267 e 272) traz diagramas e exemplos que ilustram bem a diferença entre os dois modelos.

<sup>8</sup> A biografia de Householder, com um levantamento de sua produção científica, encontra-se em um obituário escrito por Byron W. Bender e publicado na revista *Language* (BENDER, 1997).

primeira edição do primeiro volume da revista *Journal of Linguistics*, com o trabalho *On some recent claims in phonological theory* (HOUSEHOLDER, 1965).

No artigo que dá início à controvérsia, o objeto de Householder é defender a existência de fonemas em algum nível da gramática fonológica, contra a proposta esposada por Chomsky e Morris Halle (1923-2018)<sup>9</sup> de que a gramática – dividida ou não em diversos níveis – poderia operar apenas com traços distintivos. O argumento especificamente fonológico de Householder calca-se centralmente nos seguintes pontos: (i) é falso dizer que uma gramática de traços distintivos obtenha mais economia formal que uma gramática de fonemas (e, possivelmente, arquifonemas ou símbolos fonêmicos não-terminais); (ii) o trabalho com traços distintivos não se encarrega suficientemente de esclarecer em que nível opera (se no nível morfofonêmico, no nível fonético-articulatório, ou algum nível intermediário não especificado), o que importa dizer, entre outras coisas, que não é decidido o grau de detalhe fonético que fará parte da teoria; (iii) em parte em razão do ponto “ii”, na prática os sistemas baseados em traços costumam partir de uma descrição fonêmica obtida pelos métodos clássicos de distribuição complementar e testes de comutação, que paradoxalmente deveriam carecer de realidade e até de interesse teórico.

Em torno desse argumento especificamente fonológico, como forma de embasá-lo filosoficamente, Householder posiciona-se contra certas premissas globais da linguística gerativa. Para ele, por exemplo, a noção chomskyana de adequação explanatória<sup>10</sup> seria ininteligível, e a suposta superioridade da adequação explanatória sobre a “mera” adequação descritiva conduziria a ruídos interpretativos no seio da escola gerativista que, ao fim e ao cabo, levariam a um desprezo pelos dados.

Chama atenção na forma de exposição adotada por Householder o uso frequente de humor e ironias. Um exemplo característico encontra-se na nota 12 à p. 23, onde se lê: “é, no entanto, um rumor sem embasamento que ele [sc. Halle] pretende fundar um periódico linguístico (*Le Maître Distinctif*) em que todas as contribuições devem ser escritas nessa notação”

---

<sup>9</sup> É preciso destacar que o artigo de Householder precede o livro *Sound pattern of english*, de Chomsky e Halle, publicado em 1968. A teoria a que se opõe o artigo de Householder é extraída dos textos *Phonology in generative grammar*, de Halle, publicado em 1962 e *The logical basis of linguistic theory*, de Chomsky, publicado em 1964. Este último texto é lido e comentado por Householder conforme publicado nos anais do nono congresso internacional de linguistas, mas viria a ser expandido e republicado na obra *Current issues in linguistic theory*, ainda em 1964, o que é esclarecido pelo próprio Chomsky no artigo *Some controversial questions in phonological theory*, que será analisado abaixo (CHOMSKY & HALLE, 1965, p. 97).

<sup>10</sup> Householder (1965, p. 14) baseia-se nas definições dadas por Chomsky no texto *The logical basis of linguistic theory*, de 1964.

(HOUSEHOLDER, 1965, p. 23). Householder alude aqui ao periódico oficial da Associação Internacional de Fonética (IPA), que até 1971 chamava-se *Le Maître Phonétique* e era escrito integralmente em símbolos fonéticos. Com a alusão, é provável que Householder esteja ao mesmo tempo brincando com a prática já antiquada que a IPA ainda mantinha, ao mesmo tempo em que aduz o evidente absurdo imaginar um texto inteiro escrito em matrizes de traços fonológicos como um argumento a mais a favor da representação fonêmica tradicional.

A resposta de Chomsky e Halle aparece na segunda edição do mesmo volume da revista *Journal of Linguistics*, em outubro de 1965, com a publicação do artigo *Some controversial questions in phonological theory*. Tendo em vista o perfil eminentemente crítico (e não propositivo) do artigo de Householder, a contestação de Chomsky e Householder se dá principalmente pela formulação ou reformulação de suas teses com máxima clareza e de tal forma a eximi-las das objeções levantadas por Householder<sup>11</sup>. Além da reformulação de teses, figura importantemente no texto a argumentação pela demonstração de que aparentes contraexemplos de Householder não são verdadeiros<sup>12</sup>.

Quanto ao perfil retórico do texto de Chomsky e Halle, o que se percebe é uma escalada do conflito, com recurso a dispositivos inteiramente análogos aos aplicados por Householder em seu texto. Além do uso de ironias, chama atenção algo que se poderia chamar de “redução ao ininteligível”. No texto de Householder, contam-se entre as instâncias desse dispositivo a declaração de que os conceitos de adequação descritiva e adequação explicativa não são inteligíveis (HOUSEHOLDER, 1965, p. 14) e a declaração de que não é claro para Householder o que Halle quer dizer com não-independência da fonologia em relação ao restante da gramática (*ibid.*, p. 19). No texto de Chomsky e Halle, um caso marcante está na não-inteligibilidade atribuída à versão de Householder para o argumento de Halle contra a independência da fonologia (CHOMSKY & HALLE, 1965, p. 114). A tese por trás dessa técnica poderia ser enunciada como: “meu oponente não entende o que eu digo e não é capaz de se fazer entender”.

---

<sup>11</sup> É o que se dá, por exemplo, com a explicitação de que a busca pela adequação explicativa não envolve um juízo de certo e errado como Householder teria dado a entender, mas apenas uma diferença de finalidades e interesses de cada corrente científica (CHOMSKY & HALLE, 1965, p. 99, nota 2). Interessantemente, essa mesma nota já traz o expediente retórico de alienação do oponente em relação a tradição, que veremos a seguir: Chomsky e Halle colocam-se ao lado de Saussure e Sapir quanto ao interesse de ir além da adequação observacional.

<sup>12</sup> Exemplo dessa técnica é a demonstração de que a classe das vogais que ocorrem antes de  $\eta$  em inglês é naturalmente definível com traços, na medida em que a classe aparentemente não-natural /i, ʌ, æ ɔ/ é obtida a partir da classe subjacente /i, u, æ ɔ/, a qual é natural por corresponder aos traços [+ difuso, +compacto] (CHOMSKY & HALLE, 1965, p. 124-5).

Uma segunda técnica retórica importante – especialmente no texto de Chomsky e Halle – consiste em alienar o oponente da tradição científica. Observe-se o seguinte trecho: “o leitor irá lembrar que os símbolos fonéticos, na nossa visão, não são nada diferente de abreviações convencionais para complexos de traços. Ademais, mantemos que, na prática, essa também é a visão de todo mundo, e tem sido por muitos séculos” (CHOMSKY & HALLE, 1965, p. 121, nota 19).

Fica evidente a pretensão de excluir o adversário, neste caso Householder, de toda a conversa científica entabulada ao longo da história. Trata-se de um gesto argumentativo bastante próximo ao de professor, explícita ou implicitamente, que uma teoria deve ser preferida por contar com respaldo da tradição<sup>13</sup>. A relação é entre as teses: “minha teoria é preferível por corresponder à tradição” e “a teoria do meu oponente deve ser descartada por contradizer a tradição”<sup>14</sup>.

Voltando à narrativa da contenda Householder vs. Chomsky & Halle, em abril de 1966 Householder publica na primeira edição do volume 2 do mesmo *Journal of Linguistics* um texto curto denominado *Phonological theory: a brief comment*. O tom do trabalho é de reiteração das posições do autor, sem grande preocupação em desmontar a contradita de Chomsky & Halle. Apesar da brevidade, há espaço para voltarem a ser aplicados dispositivos retóricos como a redução ao ininteligível<sup>15</sup> e a filiação à tradição<sup>16</sup>.

Por fim, da “contracapa” do debate encarrega-se um personagem que não participou diretamente dele. P. H. Matthews (1934-2023), linguista britânico de filiação estruturalista, publica em 1968, ainda no *Journal of Linguistics*<sup>17</sup>, o artigo *Some remarks on the Householder–Halle*

---

<sup>13</sup> Exemplo disso no texto de Chomsky e Halle talvez seja o esforço de identificar a teoria de traços dos autores com a teoria de Roman Jakobson (por exemplo, em CHOMSKY & HALLE, 1965, p. 120).

<sup>14</sup> A questão do vínculo com a tradição surge de maneira quase incidental no debate de 1965 que é agora analisado, mas voltará a surgir durante as guerras linguísticas, fomentada, de um lado, pelo impacto entre os adeptos de Chomsky do livro *Linguística cartesiana*, e, de outro, pela crítica a este trabalho capitaneada por Robin Lakoff. Esse tema será detalhado quando olharmos para a tradução de Householder para a *Sintaxe de Apolônio Díscolo*

<sup>15</sup> No trecho em que Householder afirma que ele e seus alunos não compreenderam Halle (HOUSEHOLDER, 1966, p. 100)

<sup>16</sup> No trecho em que Householder defende que os níveis de análise identificados e manipulados pelos “linguistas taxonômicos” das décadas de 30 e 40 não podem coincidir com os níveis de análise pressupostos por Chomsky (HOUSEHOLDER, 1966, p. 99-100)

<sup>17</sup> No ponto em que se revela que o debate inteiro transcorreu no mesmo periódico, *Journal of Linguistics*, convém registrar muito brevemente uma impressão sobre a linha editorial do periódico no período em questão (1965 a 1968), o que pode auxiliar na compreensão da disputa. O *Journal of Linguistics* é a publicação oficial da *Linguistics Association of Great Britain*. O editor do periódico ao longo de todo período que nos interessa foi John Lyons (1932-2020), que, na época em questão, trabalhava na linha de acatar e colaborar com os avanços da gramática gerativa, sem perder de vista os vínculos com a tradição estruturalista (sobretudo americana e inglesa) e mesmo com a tradição gramatical mais ampla. Essa tendência do editor, constatável no ilustrativo *Towards a ‘notional’ theory of the ‘parts of speech’* (LYONS, 1966), publicado no próprio *Journal*, parece se refletir no perfil do periódico de favorecer geralmente as

*controversy* (MATTHEWS, 1968). Pretendendo ser um resumo da controvérsia, trata-se na verdade de uma peça em última análise apologética da posição de Householder, que cuida de formular com mais clareza, e até mesmo de corrigir certos argumentos do primeiro artigo de 1965. Com isso, na estrutura global do debate talvez seja possível encarar o texto de Matthews como um complemento à tréplica de Householder de 1966. O resultado é sedimentar o caráter contestado da teoria fonológica gerativista, o que em 1968, em meio às guerras linguísticas, certamente tinha efeito de sedimentar o caráter contestado da teoria chomskyana.

### 3. Householder durante as guerras linguísticas

Voltamos, portanto, às guerras linguísticas de que foi dada notícia na primeira seção acima; agora, porém, com foco para a posição de Householder em relação ao debate. Nesta seção, tendo já percorrido o palco histórico em que os textos pertinentes são produzidos, é possível trabalhar com uma formulação forte da hipótese que este artigo investiga, que será a chave interpretativa do restante da discussão: dada a “animosidade” teórica instaurada e comprovadamente não resolvida no debate de 1965 entre Householder e Chomsky e Halle, pode-se enxergar nos textos de Householder contemporâneos e posteriores às guerras linguísticas alguma filiação à semântica gerativa, como forma de encorpar a oposição teórica mais sonora então existente a Chomsky?

Para referência cronológica, o período que nos interessa vai de 1967, quando da percepção no campo de que Chomsky havia considerado os avanços da semântica gerativa como um “tapa na cara teórico” (HARRIS, 2021, p. 112), até 1974, quando tudo levava a constatar que as guerras haviam acabado (*id.*, p. 224). No histórico de publicações de Fred Householder, o período não é particularmente rico. Os únicos dois trabalhos que pude encontrar dessa época e que têm alguma potencial relação com o confronto foram o livro *Linguistic Speculations*, de 1971, e uma resenha do mesmo ano para a obra *The Study of Syntax*, de Terence Langendoen. O primeiro dos textos será o foco da discussão, com o segundo chamado apenas a fornecer alguns subsídios.

*Linguistic Speculations* é uma síntese das posições de Householder a respeito de diversos temas em linguística, com foco na interpretação, reformulação e crítica das teorias e conclusões de outros autores. Técnica e tom têm certos paralelos com os empregados no artigo de 1965, analisado na seção 2. Ainda assim, há espaço para teses marcadamente autorais, como a de que



“[...] tanto do ponto de vista do falante ingênuo (a intuição de Tarzan), quanto do da economia e plausibilidade da construção de regras, devemos conceder que a escrita é anterior [sc. à fala no sistema da língua]” (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 262)<sup>18</sup>.

Apesar de o escopo ser amplo e diversificado – desde os objetivos da linguística até geração mecânica de estilo de prosa, passando por fonologia, sintaxe, níveis de análise, escrita e outros tópicos – a apreciação (geralmente crítica) do gerativismo é certamente um elemento-chave no livro. Embora não prove nada estritamente, um exame do índice analítico remissivo que acompanha a obra ilustra bem essa presença. A entrada “Chomsky”, sozinha, conta com 27 ocorrências, mesmo número das ocorrências de “vogal”, em um livro de cujos 16 capítulos 6 (perfazendo 132 de 339 páginas) são dedicados diretamente à fonologia ou à relação entre fonologia e escrita. Se somamos a “Chomsky” as entradas “estrutura profunda” (6 ocorrências), “transformação” (12 ocorrências), “árvores” (3 ocorrências) e “gramática gerativa” (4 ocorrências), chegamos a uma rubrica de 52 ocorrências que ultrapassa verbetes importantes como “fonema” (37 ocorrências) e que, se fosse um único verbe, ficaria atrás apenas de “inglês”, com 68 ocorrências<sup>19</sup>.

Ao longo dessas numerosas passagens, a postura de Householder, como já adiantado, é essencialmente crítica. Observe-se, por exemplo, o seguinte longo trecho, já na primeira ocorrência indexada do termo “Chomsky”:

um pouco depois, entre 1958 e 1962, mais ou menos, havia o apelo de pertencer a uma elite reprimida pelas autoridades, trabalhando em celas subterrâneas para preparar o dia de liberdade para a humanidade. Isso também agora já se foi, pois o Chomskyismo tornou-se a ortodoxia estabelecida entre 1962 e 1964. O que permanece é o estilo de argumento, de premissas de segunda ordem implicadas que são assumidas como óbvias para os iniciados, com referências em notas de rodapé apenas a artigos não publicados e comunicação oral (negligenciando completamente o antiquado princípio de prioridade que demanda que propostas sejam atribuídas a quem primeiro as publicar; há, de fato, uma implicação de que essas propostas são tão brilhantes que não poderiam ter sido publicadas antes) (HOUSEHOLDER, 1971a, p. ix)

---

<sup>18</sup> A tese pode soar esdrúxula se assumimos a posição gerativista de buscar universalidade e adequação explanatória em termos de aquisição da linguagem, mas tem a ver com uma postura consciente de Householder – possivelmente intensificada após o debate de 1965 com Chomsky e Halle – no sentido de dar protagonismo em sua teoria a conceitos como economicidade e sistematicidade da descrição, ainda que em prejuízo da universalidade. A argumentação que embasa essa tese é particularmente ilustrativa da técnica householderiana, com uso de ilustrações irreverentes – como a menção à “intuição de Tarzan”, alusiva ao personagem que aprende a escrever em inglês antes de aprender a falar em inglês (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 244-8).

<sup>19</sup> Repita-se: essa breve visada historiométrica tem único escopo de dar qualquer materialidade possível à sensação subjetiva de que o livro de Householder está não só ciente, mas ativamente engajado com a teoria gerativista.

Notam-se aqui ecos da retórica adotada no artigo de 1965, em expedientes como a metáfora religiosa para qualificar Chomsky e os adeptos de sua teoria, ou o uso de ironias. Logo depois do trecho, no entanto, Householder faz a ressalva de que há aspectos positivos no movimento gerativista de criticar teorias e teóricos do passado, afirmando que é justamente esse gesto crítico que ele próprio procurará construir no livro em relação a diversas correntes, entre as quais a de Chomsky.

Mas, novamente da mesma forma que no artigo de 1965, também aqui o embate retórico não pode ser dissociado da discordância teórica. Por um lado, Householder faz importantes concessões ao programa gerativista, como, por exemplo, quando afirma que procede a premissa (segundo ele adotada por Chomsky) de que não é possível construir um algoritmo para descrever uma língua natural; a descrição é antes comparável a uma hipótese, cuja forma de obtenção não é o objeto próprio do cientista; o que o linguista faz de comparável aos experimentos das ciências naturais é submeter suas descrições a testes adequados (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 137).

Por outro lado, há conclusões e métodos assumidos por Householder que jamais teriam lugar numa teoria gerativista. Por trás do tom aporético da discussão ao longo de todo o livro, com a enunciação de posições opostas na história da linguística e a avaliação de Householder sobre umas e outras, há momentos em que se mostra com clareza a opinião do próprio autor. Nesses pontos, o que se evidencia é um empiricismo que, embora conviva com as pontuais concessões feitas ao racionalismo gerativista, adere na essência a ideias como a explicação da linguagem por mecanismos gerais de aprendizado<sup>20</sup> e a necessidade de observação direta para a construção de conhecimento, ou, por contraposição, a impossibilidade de conhecimento sobre entes não-observáveis<sup>21</sup>.

Há, portanto, uma contraposição geral a princípios básicos do gerativismo. Mas e quanto à relação de Householder com a semântica gerativa, pode-se identificar em *Linguistic Speculations* algo que o coloque em um ou outro campo das guerras linguísticas? Para início da discussão, é novamente ilustrativo um exame dos paratextos, dessa vez olhando para as referências bibliográficas. A situação aqui é bastante curiosa. De Noam Chomsky são citados apenas os textos *Syntactic Structures*, de 1957, *The logical basis of linguistic structure*, de 1964, e *Aspects of the*

---

<sup>20</sup> Por exemplo, com muita clareza em HOUSEHOLDER, 1971a, p. 4.

<sup>21</sup> Por exemplo, a defesa de que mesmo processos analógicos complexos são observáveis (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 75-6, nota 2), ou o ceticismo em relação à compreensão do componente semântico (*id.*, p. 135).

*theory of syntax*, de 1965, além do artigo publicado em coautoria com Halle que fez parte da controvérsia de 1965. Ou seja, aparentemente Householder dialoga em 1971 com os mesmos textos com os quais dialogava em 1965.

No tocante aos personagens da semântica gerativa<sup>22</sup>, de George Lakoff é citado apenas o texto *Empiricism without facts*, de 1969, que é uma resenha ao livro *The state of the art*, de Charles Hockett (1916-2000). O texto de Lakoff é uma peça de apologética que corporifica um dos episódios derradeiros na ofensiva gerativista contra a “velha-guarda” da linguística americana, encarregando-se principalmente de defender a corrente de Chomsky contra críticas de uma “resistência empiricista”. Dado o nível em que o argumento se coloca, porém, não há aqui marcas das guerras linguísticas: Lakoff coloca-se como defensor do embasamento robusto da gramática gerativa em evidências acumuladas ao longo de centenas de obras (LAKOFF, 1969, p. 120-1), o que não poderia ser feito sem também defender pelo menos as primeiras e então principais obras de Chomsky.

Householder cita a resenha de Lakoff para se opor a duas ideias nela defendidas: (i) que analogias sintáticas (do tipo “o açougueiro” : “o açougueiro se demitiu” :: “José” : “José se demitiu”) devem corresponder a operações únicas, pelo que poderiam ser reduzidas a transformações; (ii) que só o conhecimento inato pode explicar as analogias sintáticas (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 75-6, nota 2). É, portanto, uma oposição global, pela qual Householder se identifica como empiricista afinado a Hockett, contra (nesse particular) o gerativismo em geral.

Voltando ao exame das referências de *Linguistic Speculations*, não é citado nenhum texto de Haj Ross. Paul Postal aparece com duas obras citadas: uma resenha de 1966, portanto anterior ao período das guerras, e um manual de fonologia de 1968 que, segundo resenha de Wallace L. Chafe, entrega-se com avidez ao projeto de refutar os defensores da representação fonêmica (CHAFE, 1970, p. 116), mesmo projeto que animou Chomsky e Halle em sua resposta a Householder, em 1965. Tudo indica que, apesar de ter sido publicado apenas em 1968, o manual de Postal foi escrito no máximo até 1966. Harris o inclui em sua bibliografia atribuindo-o ao ano de 1965 (HARRIS, 2021, p. 507), sem especificar as circunstâncias. A bibliografia do próprio Postal não vai além do ano de 1966 (POSTAL, 1968, p. 317 a 326), e nela o texto *Topics in the theory of generative grammar*, publicado em 1966 mas escrito em 1964, aparece como ainda não publicado (*id.*, p. 319). De modo que também neste caso temos um texto que não colaborará para o intuito de aferir a situação de Householder nas guerras linguísticas.

---

<sup>22</sup> Atenho-me aqui aos “4 cavaleiros do apocalipse”: Lakoff, Ross, McCawley e Postal (HARRIS, 2021, p. 70).

Por fim de McCawley são citados os textos *La rôle d'un système de traits phonologiques dans une théorie du langage* e *Concerning the base component of a transformational grammar*<sup>23</sup>. Este segundo, sim, é potencialmente pertinente para a discussão das guerras linguísticas, visto que, segundo Harris, adeptos de primeira hora da semântica gerativa viram nesse texto um argumento a favor de uma base universal bastante similar, em seus componentes, organização e funcionamento, a um sistema de lógica formal (HARRIS, 2021, p. 88). Householder, no entanto, o cita apenas para mencionar rapidamente a existência de uma proposta que prescindiria das regras de subcategorização verbal adotadas por Chomsky em *Aspects*. Em outras palavras, não há nada de claramente inflamado ou “bélico-linguístico” na forma como Householder recorre a McCawley<sup>24</sup>.

O exame do referencial bibliográfico, portanto, nos levaria a crer na situação improvável de *Linguistic Speculations* estar à margem das guerras linguísticas. A situação é tanto mais improvável quanto se saiba – como sabemos pelo testemunho de John Goldsmith, que foi colega de trabalho de Householder no final da década de 1970 (GOLDSMITH, 2007, p. 23) – que, mesmo após o embate de 1965, e a despeito das críticas incisivas que continuou a fazer inclusive no livro de 1971, Householder se manteve um entusiasta do modelo gerativista, aplicando conclusões e ferramentas gerativistas em suas análises e, extrateoricamente, não se furtando de contratar alunos de Chomsky em seu departamento. Mas, nesse caso, o improvável é apenas aparente.

Um mergulho na argumentação em si de *Linguistics Speculations* revela uma preferência de Householder – incidental e pouco enfática, mas caracterizada – pelo modelo da semântica gerativa. Em primeiro lugar, pode-se inferir que Householder tivesse conhecimento da formação

---

<sup>23</sup> Pode-se talvez adivinhar uma preferência de Householder por James McCawley entre os semânticos gerativos, inclusive sobre George Lakoff, que foi orientando de Householder em 1963. Householder menciona McCawley como um dos dois principais leitores e colaboradores dos manuscritos que dão origem a *Linguistic Speculations* (HOUSEHOLDER, 1971a, p. xiii)

<sup>24</sup> É preciso fixar aqui uma ressalva, que pode ou não ajudar a explicar o uso razoavelmente inofensivo que Householder faz do artigo de McCawley. Da análise do artigo publicado em 1968 na revista *Foundations of Language* constata-se que de fato o texto se ocupa principalmente da questão da subcategorização, assumindo em sua argumentação não uma tática de refutação aberta e principiológica ao modelo de Chomsky, mas sim de consideração das vantagens formais de diferentes modelos. A conclusão alcançada – de que é possível prescindir de certas regras de subcategorização e certos sistemas de traços caso a subcategorização seja transportada integralmente para o nível semântico, sob responsabilidade de pressuposições sobre referentes do contexto (MCCAWLEY, 1968, p. 266-7) – de fato conduz naturalmente a uma aproximação com a lógica formal, mas não se encontram aqui propostas radicais como a postulação de uma ordem universal VSO para a base, mencionada por Harris (HARRIS, 2021, p. 507) como uma das conclusões senão expressas no artigo de McCawley, pelo menos produzidas com recurso a ele. O cerne da ressalva consiste em constatar que Harris cita o artigo de McCawley em versão publicada na coletânea *Grammar and Meaning*, de 1976, que reúne textos publicados no período das guerras linguísticas, e é expresso quanto ao sentido mais “semântico gerativo” de *Concerning the base* remontar não necessariamente ao texto em si, mas sim aos comentários a que foi submetido por outros partidários da semântica gerativa.

de uma corrente teórica pelos autores da semântica gerativa, o que se demonstra, por exemplo, na atribuição da análise das ilocuções como verbos abstratos conjuntamente a Ross, Lakoff, McCawley e Robin Lakoff (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 96, nota 1). Em segundo lugar, Householder também tinha conhecimento de que, em 1971, Chomsky já não favorecia a interpretação de que apenas a estrutura profunda carrega informação semântica (*id.*, p. 135).

Além disso, encontramos um exemplo da propensão de Householder no capítulo em que são discutidas alterações de frases<sup>25</sup>. Ao tratar das chamadas “revisões abrangentes” (*sweeping revisions*), que incluíam trocas como a da frase “substituir dinheiro por inteligência” para “colocar inteligência no lugar de dinheiro”, Householder defende que, nesses casos, “[...] a estrutura profunda (ou estrutura semântica) permanece substancialmente inalterada, mas a superfície é reestruturada” (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 289-90). Apesar de “estrutura substancialmente inalterada” de fato não ser o mesmo que “estrutura inalterada”, somando-se a ideia de conservação substancial de estrutura ao trecho entre parênteses, pode-se extrair daí algum pendor do autor à ideia de que incumbe à estrutura profunda responder pelo significado da frase.

Um segundo ponto onde se pode identificar a preferência de Householder pela ideia de situar a semântica, ou o principal da semântica, na estrutura profunda está no encerramento do capítulo em que ele aborda o tema das subgramáticas e níveis de análise. Ao tratar dos tipos de regras estruturais e de distribuição existentes nas línguas, o autor pondera:

há também uma distinção entre regras para as quais a estrutura de superfície é irrelevante, e aquelas para as quais tanto significado quanto forma são relevantes? Nós sugerimos acima que isso é assim, que as regras puramente semantossintáticas ou de estrutura profunda ilustravam a primeira classe, enquanto as assim chamadas regras transformacionais, lexicais e morfofonêmicas representam a segunda (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 146).

A construção das classes de regras que desconsideram estrutura de superfície e de regras que consideram tanto significado quanto forma como classes mutuamente disjuntas deixa claro

---

<sup>25</sup> As alterações de que Householder fala nesse capítulo aproximam-se mais de operações feitas por revisores sobre textos que propriamente de transformações como as que ocupavam os gerativistas da época. Ainda assim, Householder recorre a transformações de tipo convencional para tratar dessas alterações, e há partes importantes do texto dedicadas a tratar de assuntos transformacionais (por exemplo, a discussão sobre necessidade ou não de ordenação extrínseca de regras no capítulo 7 (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 97-125)).

que a estrutura profunda, para Householder, é inteiramente semântica, ou semantossintática<sup>26</sup>, ao passo que a estrutura de superfície é estritamente formal ou sintática.

Por fim, pode-se aduzir em favor da preferência de Householder pelo modelo da semântica gerativa a estranheza manifestada por ele em relação à forma como a interpretação semântica se dá no modelo de *Aspects*. Comentando esse modelo, ele diz: “a marca verdadeiramente estranha desse modelo é a direção da flecha *da* base *para* a interpretação semântica, enfatizando um paralelo que parece um pouco artificial com o componente fonético” (HOUSEHOLDER, 1971a, p. 129). Observando o conjunto das referências teóricas expostas anteriormente no capítulo (*id.*, p. 127), conclui-se que Householder preferiria um modelo que principiasse pelo componente semântico e então passasse deste para a estrutura profunda<sup>27</sup>. Um quadro assim certamente aproxima-se muito mais da semântica gerativa que da semântica interpretativa de Chomsky<sup>28</sup>.

Mas se havia essa preferência de Householder, ainda que sutil, pelo modelo da semântica gerativa, por que isso não figura com maior clareza em *Linguistic speculations*? No prefácio do livro, Householder confessa sua dificuldade em acompanhar o ritmo dos desenvolvimentos em um período em que

[...] as regras (ou metarregras) fundamentais para a forma das gramáticas, as restrições sobre regras, os detalhes dos traços fonológicos, semânticos e sintáticos, até mesmo a natureza da explicação – provavelmente por uma década, pelo menos, nada disso será assentado (HOUSEHOLDER, 1971a, p. xii).

De modo que se poderia aventar que, seja por distância institucional e geográfica<sup>29</sup>, seja mesmo por desinteresse, Householder não estava em condição de lutar no *front* das guerras linguísticas.

---

<sup>26</sup> O raciocínio em Householder é entimemático, mas pode ser completado assim: se uma regra considera apenas a estrutura profunda, a estrutura de superfície é irrelevante para ela. Assim, ela não considera forma e significado juntos, o que significa dizer que ou ela não considera o significado, ou ela não considera a forma. Como a estrutura profunda evidentemente não é exclusivamente formal, ela deve ser exclusivamente semântica.

<sup>27</sup> Isso é reforçado por algumas propostas formais do autor, como a de que pode ser interessante – em alguns ou talvez em todos os casos – passar dos traços semânticos para a subcategorização sintática e não da subcategorização para o traço semântico.

<sup>28</sup> Rememore-se a descrição de Harris do desenvolvimento da semântica gerativa, em que é dada como uma das derradeiras consequências do movimento a completa dissolução da estrutura profunda na representação semântica (HARRIS, 2021, p. 66).

<sup>29</sup> No momento em que o confronto já estava consolidado, o enclave dos adeptos de Chomsky era, naturalmente, o MIT. A semântica gerativa tinha mais “acampamentos”, mas a Universidade de Indiana, onde Householder trabalhava, não era um deles (HARRIS, 2021, p. 197).

O exame da resenha de Householder para o livro *The study of syntax: the generative-transformational approach to American english* (HOUSEHOLDER, 1971b), no entanto, revela que ele na verdade tinha domínio do referencial teórico que teria sido necessário para se posicionar fortemente em um ou outro sentido sobre as contendas principais das guerras linguísticas. Mais que isso, a resenha também expõe que, mesmo que houvesse uma concordância de Householder com a semântica gerativa, isso certamente não incluía todos os pormenores da teoria. Assim, por exemplo, ele discorda frontalmente da construção de Langendoen para estrutura profunda do sintagma nominal, caracterizando-a de “indigerível” (HOUSEHOLDER, 1971b, p. 462). A construção, que postula pronomes *dummy* para fazer as vezes das variáveis ligadas da lógica formal, é baseada na análise de Emmon Bach (1929-2014), com alguns detalhes retirados da teoria de McCawley (*id.*, p. 453) e é, portanto, essencialmente um produto da semântica gerativa<sup>30</sup>.

Com isso, sai de cena a justificativa de Householder estar sobrepujado pela aceleração dos desenvolvimentos durante as guerras linguísticas. Se é preciso apostar em alguma explicação para a relativa ausência dos proponentes da semântica gerativa em *Linguistic speculations*, talvez seja preferível ficar com a mais simples: a temática do livro não exigiu que Householder aprofundasse a menção a eles. Seu escopo no trabalho era estabelecer suas próprias posições teóricas<sup>31</sup>, muitas das quais o opunham – enquanto empiricista – às premissas compartilhadas pelos combatentes das guerras. Nessa posição de certo modo externa, não era preciso que ele invocasse uma parte muito substancial da bibliografia de ponta na qual as batalhas eram travadas. Ainda assim, talvez levado pelos ecos de sua alteração com Chomsky e Halle em 1965, ele parece estar “testando as águas” de uma predileção pela semântica gerativa<sup>32</sup>. O que veremos abaixo é que até a virada da década de 70 para a de 80 ele terá dado o mergulho completo.

#### **4. Householder após as guerras linguísticas: a tradução da *Sintaxe* de Apolônio Díscolo**

O último episódio da vida profissional de Fred Householder para o qual olharemos nos coloca no ano de 1981. A essa altura, a guerra já havia esfriado há muito tempo. De um lado do campo, a semântica gerativa já não existia, e seus principais nomes já estavam solidamente

---

<sup>30</sup> McCawley já foi citado aqui como um dos principais defensores da semântica gerativa; Bach, embora não estivesse entre os idealizadores, também foi um entusiasta do modelo (HARRIS, 2021, p. 197)

<sup>31</sup> Já vimos algumas dessas posições ao longo da discussão. Elas incluem a defesa da analogia como justificção legítima em linguística, a heurística da proliferação de subgramáticas no modelo e a proposta da centralidade da escrita na descrição.

<sup>32</sup> Harris cita texto de 1970 de Householder em que ele diz expressamente considerar mais agradável a visão de Ross, George e Robin Lakoff e McCawley sobre a natureza da base (HOUSEHOLDER, 1970 *apud* HARRIS, 2021, p. 197). Infelizmente não pude encontrar o texto a que Harris se refere para saber qual era o seu contexto e comentá-lo com mais cuidado.

filiados a outros projetos (HARRIS, 2021, p. 230-5). Do outro lado, este ano marca a publicação do influente *Lectures on government and binding*, de Chomsky, baseado em palestras proferidas em 1979, que dá início à Teoria de Regência e Ligação. Para Householder, no entanto, é o ano em que vem à tona a culminação do projeto para o qual ele considerava que sua vida inteira fora uma preparação (BENDER, 1997, p. 560): a tradução da *Sintaxe* de Apolônio Díscolo.

Apolônio Díscolo foi um gramático ativo entre o final do século I e a primeira metade do século II da era comum. É dele a primeira obra na história da linguística especificamente dedicada ao estudo da sintaxe. Em apertada síntese, trata-se de uma teoria sintática de base filosófica que defende estreita ligação entre a estrutura das frases e a interpretação semântica, que apoia suas análises centralmente no rico sistema de casos do grego antigo e que, na construção de seu modelo, se vale crucialmente da ideia de ordenação de categorias.

A tradução de Householder é a única até hoje produzida para o inglês. Apesar da qualidade inegável do trabalho nela investido, é reconhecida – e muitas vezes criticada – na literatura posterior principalmente por seu viés modernizante (BOTAS, 1987, p. 64) e, especificamente, transformacionalista (SLUITER, 1990, p. 112, nota 269). Mas, como a descrição até aqui desenredada terá deixado claro, a qualificação “transformacionalista” diz pouco isoladamente, pois engloba todo um complexo de posições teóricas muitas vezes violentamente opostas. É preciso indagar, então, qual o “transformacionalismo” em que Householder investe sua tradução de Apolônio Díscolo.

Partindo do início, o próprio Householder confessa e adere expressamente a esse viés transformacionalista. A introdução da tradução é um texto de extensão razoável em que o autor defende sua crença de que as transformações são uma das noções-chave da linguística da antiguidade grega (HOUSEHOLDER, 1981, p. 8). Trabalhando com uma distinção entre mudanças ou transformações gerativas e interpretativas<sup>33</sup>, concede que alguns dos exemplos por ele identificados como transformacionais em Apolônio Díscolo podem ser lidos tanto como gerativos quanto como interpretativos, mas defende que há um certo conjunto de casos inequivocamente gerativos (*id.*, p. 16). Neste segundo grupo inclui especialmente aqueles pontos em que Apolônio

---

<sup>33</sup> Ligeiramente, as transformações interpretativas são meras produções de paráfrases para ilustrar algum significado de alguma frase pertinente para a discussão; as transformações gerativas, por outro lado, efetivamente implicam uma organização do modelo em dois (ou mais) níveis, com representações estruturais correspondentes a cada nível e ligadas pelas transformações.



cita frases agramaticais<sup>34</sup> em grego antigo como equivalentes ou inclusive mais corretas que suas correspondentes gramaticais.

A questão de se realmente há contextos em Apolônio Díscolo que necessariamente envolvem transformações aplicadas gerativamente foge do escopo deste artigo. Uma excelente discussão do tema encontra-se na tese de Sluiter (SLUITER, 1999). A questão que abordarei aqui é a seguinte: dado que Householder identificava em Apolônio um aparato gerativo-transformacional importante, é possível travar uma relação entre a maneira como esse aparato é lido, traduzido e discutido por Householder e as posições teóricas por ele assumidas ao longo da trajetória que analisamos nas seções anteriores?

A resposta é afirmativa. Novamente começando pelo paratexto, um olhar para as referências bibliográficas tanto da introdução quanto da tradução em si revela em relação a Noam Chomsky um completo silêncio. Trata-se de uma situação de todo diversa daquela que constatamos em *Linguistic speculations*, onde Chomsky encabeçava uma das entradas mais recheadas do índice remissivo. Não é citado nenhum texto do fundador da linguística gerativa. Mais que isso, o nome dele não aparece nenhuma vez ao longo da obra. O mais próximo de uma atribuição ocorre na passagem da introdução em que Householder contrasta transformações “do tipo de [Zellig] Harris” (*i.e.*, de frases gramaticais para frases gramaticais) a transformações “do tipo de *Aspects [of the theory of syntax]*” (HOUSEHOLDER, 1981, p. 10). Nos dez anos entre 1971 e 1981, Householder indispôs-se a ler Noam Chomsky.

Essa ausência notável de Noam Chomsky no referencial de uma tradução famosa por sua preferência modernizante e transformacionalista não pode ser remetida a uma parcimônia generalizada do referencial. Diversos são os linguistas modernos citados por Householder. Além do próprio Zellig Harris, na introdução, constam no corpo do texto, como fontes para a discussão nas notas do tradutor, em ordem cronológica das publicações: Leonard Bloomfield, Roman Jakobson, Paul Postal, James McCawley, Robin Lakoff, J. P. Thorne<sup>35</sup>, John Ross, Sandra Thompson<sup>36</sup>, George Lakoff e Douglas Q. Adams<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> De acordo com o julgamento de Householder, não por expreso julgamento de Apolônio. É importante destacar que Apolônio invoca, sim, evidência negativa em diversos pontos de sua obra, isto é, que há diversos pontos da obra em que ele explica a incoerência ou incorreção de alguma frase. Esse é, na verdade, um dos princípios fundantes da teoria sintática de Apolônio: que toda incoerência ou impropriedade pode ser explicada e corrigida por uma transformação (possivelmente sempre interpretativa, nunca gerativa) na forma correta (*synt*, 200, 16-19)

<sup>35</sup> A situação do texto de Thorne é peculiar. O texto citado por Householder chama-se *English imperative sentences*, e supostamente teria sido publicado em 1969, no segundo volume da revista *Journal of Linguistics*, da Universidade de Cambridge. Ocorre que esse volume foi na verdade publicado em 1966, e nele de fato há um texto com esse título por J. P. Thorne. Conclui-se, portanto, que Householder provavelmente se enganou em relação ao ano de publicação do

Com a ressalva dos pré-gerativistas Bloomfield, Jakobson e Harris, e do gerativista pré-guerras linguísticas J. P. Thorne, o denominador comum é bastante claro: só são citados autores e textos abertamente filiados à semântica gerativa. Há uma interpretação fraca e uma forte que podem ser extraídas desse fato. A fraca é que, para Householder, havia uma analogia entre a teoria gramatical de Apolônio Díscolo e a teoria gramatical dos adeptos da semântica gerativa. A forte – que é forte justamente por demandar um exercício de imaginação e raciocínio abduutivo um pouco mais livre – é que a escolha de Householder por ler Apolônio Díscolo aproximando-o da semântica gerativa encerra uma adquirida predileção dele pela semântica gerativa, contra os partidários de Chomsky, e uma tentativa de utilizar a mais antiga teoria detalhada e dedicadamente sintática que chegou aos dias de hoje como esteio para sua posição. Passemos a olhar para o corpo do texto atrás de cancelar as duas conclusões.

Exemplos de duas categorias encarregam-se de assentar a interpretação fraca. A primeira categoria é de comparações explícitas da teoria de Apolônio à Semântica Gerativa, agora explicitamente reconhecida enquanto escola. Encaixa-se nessa categoria a nota ao final do parágrafo 87 do Livro III (*synt.*, 244, 4-19)<sup>38</sup>, num trecho em que Apolônio está tratando de frases ambíguas envolvendo dois acusativos<sup>39</sup> em grego antigo. Segundo o gramático, nesses casos, a ambiguidade pode ser resolvida assumindo uma precedência categorial do ativo sobre o passivo, que se reflete na preferência da língua por situar o ativo (agente) antes do passivo (objeto) nas frases. Dessa forma, na ordem inteiramente coerente, o primeiro acusativo na ordem será o agente (na análise de Apolônio, construído com o verbo da oração principal), ao passo que o segundo será o objeto do verbo no

---

artigo. É claro que, tratando-se de texto anterior às guerras linguísticas, não se pode caracterizá-lo como pertencente a um lado ou outro. Ainda assim, não há como negar que a remissão da frase “stand up the boy who said that” à estrutura profunda “someone who is the boy who said that stand up” (THORNE, 1966, p. 77) tem notas distintamente semântico-gerativistas.

<sup>36</sup> O texto de Thompson citado por Householder é *The deep structure of relative clauses* (THOMPSON, 1972). O referencial teórico do texto é dominado pelos proponentes da semântica gerativa. A teoria avançada (por exemplo, com a tese de que orações relativas explicativas e restritivas têm a mesma estrutura profunda, e que sua diferença deriva de diferentes formas de o falante organizar a maneira como pretende transmitir a informação ao ouvinte (*id.*, p. 49)), no entanto, prenuncia o perfil funcionalista que o trabalho de Thompson assumiria em anos futuros.

<sup>37</sup> O texto de Adams citado por Householder, *Relative clauses in ancient greek*, é tirado de uma coletânea que reúne artigos apresentados em uma conferência de 1972 na universidade de Chicago, então um enclave da semântica gerativa sob McCawley. Entre os editores da coletânea está Judith Levi, um dos principais nomes de uma segunda geração da semântica gerativa em Chicago (HARRIS, 2021, p.131). Embora eu não tenha conseguido acesso direto ao texto de Adams, pode-se razoavelmente concluir que se trata de um produto da esfera de influência da semântica gerativa.

<sup>38</sup> Onde o texto de Apolônio em si é pertinente, cito as passagens pela edição de Bekker que, embora obsoleta, é a mais facilmente acessível *online*. Quando o objeto forem apenas as notas de Householder, faço a citação pela paginação da sua tradução.

<sup>39</sup> Frases de tipo “legousi ton ouranon periechein tēn gēn”, traduzida como “dizem que o céu circunda a terra”, mas literalmente “dizem o céu circundar a terra”, onde tanto “o céu” como “a terra” são acusativos.

---

infinitivo. Assim, a frase “sunebē eme philein Apollōnion” (glosada como “ocorreu eu<sub>ACU</sub> estimar Apolônio<sub>ACU</sub>”) seria o mesmo que “ego philō Apollōnion” (glosada como “eu<sub>NOM</sub> estimo Apolônio<sub>ACU</sub>”). Para Householder, que enxerga nessa última equivalência a passagem de uma estrutura profunda para uma estrutura de superfície, a análise é “[...] muito semântica gerativa”, comparável a uma de Lakoff no texto *Linguistics and Natural Logic*, de 1972 (HOUSEHOLDER, 1981, p. 186).

Também é da primeira categoria de exemplos o da nota ao parágrafo 177 do livro III (*synt*, 294, 8-21). Nesse trecho Apolônio equipara a frase “legō se kleptēn” (glosada como “digo tu<sub>ACU</sub> roubar”) à perífrase “di ou proiemai logou orizomai se dedrakenai ta tēs klopēs” (“afirmo por meio da frase que enuncio que tu atuas em um roubo”). Para Householder, que novamente identifica aí a relação entre uma estrutura profunda e uma estrutura de superfície, “isso é impressionantemente como as estruturas profundas da semântica gerativa” (HOUSEHOLDER, 1981, p. 219).

Passando à segunda categoria de exemplos que apoiam a interpretação fraca, aqui a compreensão dependerá de que seja explicada uma subcontrovérsia que se desenrola no interior das “guerras linguísticas”. Em 1966, Chomsky publica o ensaio *Linguística cartesiana*, cujo escopo é demonstrar como os problemas de pesquisa e vários dos métodos da linguística gerativa de então tinham precursores no trabalho de filósofos e gramáticos dos séculos XVII a XIX. Apesar de pressupor, para pontos cruciais da comparação, uma versão da gramática gerativa em que haja proximidade ou mesmo identidade entre estrutura profunda e estrutura semântica<sup>40</sup>, o texto veio a ser recebido ao longo das guerras linguísticas como parte da “artilharia” chomskyana. Isso em grande medida em razão da oposição aguerrida lançada por Robin Lakoff, com críticas à legitimidade e validade do experimento historiográfico e filosófico de Chomsky (HARRIS, 2021, p. 136).

Um dos cerne da crítica de Robin Lakoff foi o fato de que as ideias que Chomsky atribui a Arnauld e Lancelot, autores da *Gramática* de Port-Royal, na verdade proviriam originalmente do gramático espanhol Franciscus Sanctius, ativo no final do século XVI. De modo que reconhecer a posição de Sanctius como original, e a da *Gramática* de Port-Royal como derivada, significa, no contexto inflamado das guerras linguísticas, aderir ao lado da semântica gerativa.

É justamente isso que Householder encontra ocasião de fazer em sua tradução da *Sintaxe* de Apolônio Díscolo, nos trechos da segunda categoria de exemplos a favor da nossa interpretação

---

<sup>40</sup> A primeira aproximação explícita ocorre no início do capítulo 2 (CHOMSKY, 2024, p. 177-8). Isso não é estranho, tendo em vista que o modelo de gramática gerativa que Chomsky tinha em mente ao escrever *Linguística cartesiana* era o de *Aspects*, em que, como já vimos, é apenas a estrutura profunda que alimenta a interpretação semântica (CHOMSKY, 2015, p. 154, por exemplo).

fraca. Ao lado dos defensores da semântica gerativa, Sanctius é um dos gramáticos posteriores a cujas teorias Householder compara as de Apolônio. Isso se dá em três trechos. No primeiro deles – parágrafo 148 do Livro III – Householder comenta que a problemática das formas passivas de verbos intransitivos, existentes em latim, foi amplamente debatida na “Idade da Razão”, e cita Sanctius como o representante desse período de teorização gramatical (HOUSEHOLDER, 1981, p. 208). No segundo trecho, após identificar uma transformação de deleção de preposição no parágrafo 166 do Livro III, ele expõe que essa operação teria sido bastante utilizada por Sanctius (*id.*, p. 216). Por fim, no terceiro trecho, parágrafo 177 do Livro III, afirma que, para Sanctius, como para Apolônio, todos os dativos significam vantagem ou benefício.

Esse rol de trechos se encarrega, segundo creio, de estabelecer a conclusão fraca, isto é, de que Householder considerava a teoria de Apolônio próxima à teoria da Semântica Gerativa. É preciso, por fim, assentar a conclusão forte, isto é, que essa aproximação representa uma adquirida predileção do tradutor por essa perspectiva dentro do gerativismo, e uma tentativa de colocar a sintaxe apoloniana como um argumento de autoridade a favor dela.

Em primeiro lugar, é claro que Householder tinha o texto de Apolônio em grande conta – do contrário não consideraria a tradução da *Sintaxe* como algo para que toda a sua trajetória profissional o preparou. Embora não se furte de formular críticas às frequentes inconsistências e obscuridades de Apolônio, o tom geral do empreendimento inteiro de sua tradução é de valorizar o autor traduzido. Se isso é assim, forma-se uma linha do tempo de “pontos altos da linguística transformacionalista” que inicia em Apolônio, passa por Sanctius (e não pelos gramáticos de *Port-Royal*), inclui o estruturalista Zellig Harris, revigora-se com *Aspects of the theory of syntax* (mas não com *Syntactic structures*, por exemplo, nem com o restante da obra de Chomsky) e deságua, por fim, na Semântica Gerativa.

Nessa análise, a tradução de Householder empenha-se por dar à Semântica Gerativa um *pedigree* que remonta à antiguidade. É impossível não enxergar aqui paralelos com a tentativa de Chomsky em *Linguística cartesiana* de dar um *pedigree* para a linguística gerativa como um todo. Não temos como dizer com certeza se Householder leu *Linguística cartesiana*<sup>41</sup>. De modo que também não podemos nos assegurar de que Householder tenha agido de caso pensado. O fato é

---

<sup>41</sup> Até onde pude determinar, ele nunca citou *Linguística cartesiana*, mas, como a notável ausência da semântica gerativa em *Linguistic Speculations* – contrastada com a rica bibliografia da resenha a Langendoen – confirma, Householder não citava tudo o que o influenciava, apenas aquilo que importava imediatamente para a discussão que estava conduzindo em um determinado texto. As várias menções a *Sanctius* levam a pensar que ele pelo menos estava ciente da existência do ensaio de Chomsky e de sua recepção durante as guerras linguísticas.

que, com ou sem intenção, sua tradução da *Sintaxe* aparece como uma espécie de *Linguística cartesiana* para a Semântica Gerativa<sup>42</sup>.

Quanto ao motivo de Householder ter levado a cabo uma tradução com esse projeto argumentativo mais de meia década depois dos últimos ecos das guerras linguísticas, não há como fazer mais que especular. Pode-se supor que alguma animosidade teórica a Chomsky permanece nele após a disputa de 1965; essa animosidade vem à tona em alguma medida na obra de 1971, mas ainda como uma disposição para a crítica aberta, mais que como a adesão à principal escola então oposta a Chomsky; por fim, ao longo da década de 1970, é possível que Householder tenha amadurecido a preferência pela semântica gerativa, possivelmente atraído pelos paralelos entre ela e teorias gramaticais “semantocêntricas” do passado, sobretudo aquela teoria da qual – como linguista especialista em grego antigo – ele certamente já tinha bom conhecimento antes de resolver traduzi-la: a da *Sintaxe* de Apolônio Díscolo. Identificados tais paralelos, a tradução provou-se um local favorável para um último ataque nas guerras linguísticas, que em 1981 já não tinha, porém, ninguém para atingir.

## Conclusão

Convém fazer uma síntese da narrativa identificando certos elementos de coesão. Iniciamos olhando para um conflito travado entre Householder, de um lado, e Chomsky e Halle, de outro, em torno da pertinência ou não de manter o fonema como entidade privilegiada do sistema gramatical. Numa caracterização ligeira: Householder defendia que o fonema era um objeto importante para a descrição, Chomsky e Halle que havia razões de adequação descritiva e, mais que isso, de adequação explicativa militando a favor de trabalhar apenas com traços fonológicos. O que se observou nesse primeiro conflito foi uma intensa animosidade entre as partes, com opção por dispositivos retóricos voltados a obter “vitória” na disputa – ainda que com a desqualificação da posição do adversário – em detrimento de uma discussão interessada em ler o oponente de boa-fé. Nesse sentido, a altercação prenuncia o tom que seria assumido durante as guerras linguísticas.

Passamos em um segundo momento à postura de Householder durante as guerras linguísticas, extraída sobretudo do livro *Linguistic speculations*, de 1971. Há aqui um aparente esforço, por parte do autor, em firmar uma posição de *outsider* apenas superficialmente

---

<sup>42</sup> Esse esforço pode ser visto como uma versão mais sofisticada do gesto argumentativo de “alienar” o oponente da tradição, que cataloguei acima ao comentar o debate Householder vs. Chomsky & Halle.

interessado no que se passava dentro do cúmulo-nimbo tempestuoso em que havia se transformado a linguística gerativa no final da década de 60. Ainda assim, nas entrelinhas desse para-gerativismo pudemos identificar reflexos latentes da animosidade de 1965, tanto na abundância das citações a Chomsky, quanto em uma indiciária predileção pela semântica gerativa.

Chegamos, por fim, a um momento bastante posterior – pelo menos para os parâmetros da acelerada cronologia da linguística ao final do século XX – ao término das guerras linguísticas, com a tradução de Householder para a *Sintaxe* de Apolônio Díscolo. Aqui a ocupação com Chomsky dá lugar a um silêncio que, contrastado às hostilidades da primeira altercação e à sanha refutatória de 1971, só pode ser lido como uma espécie de desprezo. Aventurou-se concluir que a narrativa construída com a tradução, de valorização da contribuição de Sanctius, enaltecimento dos métodos e resultados da Semântica Gerativa e supressão da contribuição de Chomsky para a tradição de gramática em sentido amplo, possa ser uma contraofensiva ao *pedigree* postulado por Chomsky em *Linguística Cartesiana*.

Procurando generalizar o que os três episódios do caso particular de Householder demonstram, pode-se concluir que as guerras linguísticas, além do confronto principal, envolveram conflitos-satélite, causados ou alimentados por uma retórica belicosa que já marcava a linguística antes da eclosão do conflito entre semânticos gerativistas e chomskyanos. Mesmo no âmbito desses conflitos ancilares, o término das guerras não significou imediato apagamento das marcas deixadas, que, pelo contrário, muitas vezes se fizeram sentir ao longo de muitos anos.

Arriscando um derradeiro juízo de valor, embora certamente tenha havido aprofundamentos ocasionados pela necessidade de atacar ou contra-atacar as teorias do campo oposto, no caso particular de Householder – e mais particularmente da tradução da *Sintaxe*, que é dos três textos que caracterizam os episódios estudados provavelmente o que permanece mais lido pela posteridade<sup>43</sup> – praticamente só o que restou das guerras linguísticas foi uma “gerativização” muitas vezes inoportuna e superficial, e quase sempre obstativa aos méritos estilísticos, filológicos e interpretativos do texto. Entender os vieses para relevá-los e nos concentrar sobre tais méritos é o que nos recomenda uma leitura de boa-fé, do tipo que, felizmente, estamos em posição de fazer mais de 50 anos após o término das guerras linguísticas.

---

<sup>43</sup> Como dito, trata-se da única tradução desse texto (e, na verdade, de qualquer texto de Apolônio Díscolo) para o inglês.

---

## Referências

BEKKER, Immanuel. *Apollonii alexandrini. De constructione orationis libri quatuor*. Berlim: Ge. Reimeri, 1817.

BENDER, Byron W. Fred Walter Householder. In: *Language*, volume 73, número 3, setembro de 1997. pp. 560-570. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/415884>>, acesso em 18/02/2025

BLANK, David. *Ancient philosophy and grammar: the syntax of Apollonius Dyscolus*. Chico: Scholars Press, 1982.

BOTAS, Vicente Béccares. *Apolônio Díscolo. Sintaxis*. Madrid: Gredos, 1987..

CHAFE, Wallace L. Review: [Untitled]. In: *Language*, volume 46, número 1, março de 1970. pp. 116-125. DOI: <https://doi.org/10.2307/412411>, acesso em 18/02/2025

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Edição do 50º aniversário. Cambridge: MIT Press, 2015.

CHOMSKY, Noam. *Linguística cartesiana: um capítulo na história do pensamento racionalista*. Tradução de Gabriel de Ávila Othero e Larissa Colombo Freisleben. São Paulo: Editora Unesp, 2024.

CHOMSKY, Noam. HALLE, Morris. Some controversial questions in phonological theory. *Journal of Linguistics*, volume 1, número 2, outubro de 1965. pp 13-34. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022226700001134>, acesso em 18/02/2025.

GOLDSMITH, John. *Towards a new empiricism*. 2007. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/228693752\\_Towards\\_a\\_New\\_Empiricism](https://www.researchgate.net/publication/228693752_Towards_a_New_Empiricism)>, acesso em 18/02/2025.

HARRIS, Randy Allen. *The linguistics wars*. 2ª Edição. New York: Oxford University Press, 2021.

HOUSEHOLDER, Fred. On some recent claims in phonological theory. *Journal of Linguistics*, volume 1, número 1, 1965. pp. 13-34. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022226700000992>, acesso em 18/02/2025..

HOUSEHOLDER, Fred. Phonological theory: A brief comment. *Journal of Linguistics*, volume 2, número 1, 1966. pp. 99-100. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022226700001353>, acesso em 18/02/2025..

HOUSEHOLDER, Fred. *Linguistic speculations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. (1971a)

HOUSEHOLDER, Fred. Review: The study of syntax: the generative-transformational approach to American English. By D. TERENCE LANGENDOEN. In: *Language*, volume 47, número 2, 1971. pp. 453-465 (1971b). DOI: <https://doi.org/10.1017/S002222670000267X>, acesso em 18/02/2025..

---

HOUSEHOLDER, Fred. *Apollonius Dyscolus. The Syntax of Apollonius Dyscolus.*

LAKOFF, George. Empiricism without facts. *Foundations of language*. vol. 5, no.1. 1969. pp. 118-127. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/25000365>>, acesso em 18/02/2025.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LYONS, John. Towards a notional theory of the parts of speech. *Journal of Linguistics*, volume 2, número 2, 1966. pp. 209-236. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022226700001511>, acesso em 22/09/2025

MATTHEWS, P. H. Some remarks on the Householder–Halle controversy. *Journal of Linguistics*, volume 4, número 2, 1968. pp. 275-283. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022226700001924>, acesso em 18/02/2025.

MCCAWLEY, James. Concerning the Base Component of a Transformational Grammar. *Foundations of language*, volume 4, número 3, 1968, pp. 243-269. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/25000330>>, acesso em 18/02/2025.

POSTAL, Paul. *Aspects of phonological theory*. New York: Harper and Row, 1968.

SLUITER, Ineke. *Ancient grammar in context: contributions to the study of ancient linguistic thought*. Amsterdam: VU University Press, 1990

THOMPSON, Sandra Annear. The deep structure of relative clauses. In: FILLMORE, Charles. LANGENDOEN, Terence (eds.). *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

THORNE, J. P. English imperative sentences. In: *Journal of Linguistics*, volume 2, número 1, abril de 1966. pp. 69-78. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/4174918>>, acesso em 18/02/2025.

---